

'SÓ NÃO HOUE MORTE PORQUE DEUS NÃO QUIS'

Pedro Pantofa



Jorge Darze (foto), presidente do Sinmed durante fechamento simbólico da maternidade Praça XV, que não tem mais condições de funcionar. Página 5

Geral

Zeladores do Rio terão primeira aula hoje

O secretário municipal de Conservação e Serviços Públicos, Carlos Osório, e a presidente da Comarh, Ângela Fonti, acompanharam, hoje, pelas ruas da Tijuca, a primeira aula prática dos Zeladores do Rio. Um grupo de 91 zeladores está em treinamento para atuar nas ruas da cidade identificando problemas como buracos, falta de iluminação, acúmulo de lixo, entulho, entre outras irregularidades. Eles terão a missão de acionar os órgãos competentes para imediata solução dos problemas de conservação da cidade.

POVO 5
Sábado, 27 de Fevereiro de 2010

Manifestação em maternidade do Centro

Funcionários da Oswaldo Nazaré fizeram fechamento simbólico da unidade devido à falta de profissionais

Médicos e profissionais da área de saúde realizaram uma manifestação, ontem pela manhã, em frente à maternidade Oswaldo Nazaré, na Praça 15, Centro do Rio.

Com cartazes e faixas, integrantes do Sindicato dos Médicos e da Sociedade Brasileira de Anestesiologia fizeram o fechamento simbólico da unidade, que, atualmente, atravessa uma crise por falta de profissionais.

"Não é uma greve. É o reconhecimento da total incapacidade de trabalhar naquelas condições que colocam em risco de morte as mulheres que são atendidas. Há um déficit grave de anestesiologistas. Só no mês de fevereiro, durante sete plantões, o hospital funcionou sem nenhum anestesiologista. Isso é uma unidade que funciona 24 horas e

atende a casos de urgência, em que é necessário cirurgia. Só não houve morte ainda porque Deus não quis", denunciou o presidente do Sinmed, Jorge Darze. O médico cita o caso de uma mulher grávida de gêmeos que deu entrada no local, na semana passada, com descolamento de placenta. De acordo com Darze, uma patologia gravíssima. Ele revelou que a paciente teve de se submeter a uma verdadeira via crucis, sangrando dentro de uma ambulância, à procura de hospitais da cidade, porque não havia anestesiologistas no local.

A mulher acabou sendo atendida no Hospital Universitário Pedro Ernesto (Hupe), em Vila Isabel, porque uma enfermeira da maternidade conhecia um dos médicos daquela unidade hospitalar.

Pedro Pantofa



Pela manhã, trabalhadores da maternidade, que fica na Praça 15, estenderam cartazes alertando sobre supostos riscos a gestantes atendidas no local

Apesar dos pesares, organizadores dizem que não deixarão de atender pacientes

De acordo com os organizadores da manifestação, o hospital não deixará de prestar atendimento aos pacientes que chegaram à unidade. "Os médicos não vão embora. Irão continuar na unidade e atender aque-

las pacientes que não tiveram tido conhecimento do fechamento. O que não podemos é receber uma demanda nova neste ambiente de risco", diz Darze.

A Secretária de Saúde informou que uma empresa

terceirizada foi contratada para recrutar profissionais para o hospital, que já chegou a realizar uma média de 20 partos por dia e é uma das principais da cidade.

Grávida de sete meses, a jovem Neysse Soares fez a

maior parte dos exames de pré-natal na maternidade da Praça 15, mas não sabe se poderá ter o filho na unidade hospitalar. "Os funcionários da Oswaldo Nazaré já orientaram que só vão realizar parto de quem já teve fi-

lhos na maternidade ou está em situação de emergência. Moro na Penha, e lá o posto de saúde não tem maternidade. A Pro Matre também fechou. Não sei o que fazer", diz a jovem. Também moradora da Pe-

nya, a estudante Jessica Vinter, 20 anos, aos sete meses de gravidez, só conseguiu realizar um exame pré-natal na maternidade da Praça 15.

"Assim, terei que dar a luz em casa", diz a jovem.